

A Teoria da Criação, segundo Santo Agostinho

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa¹
Ricardo Evangelista Brandão²

Resumo: É sabido que Santo Agostinho outrora foi adepto do Maniqueísmo, assim como da corrente filosófica Neoplatônica e, por consequência, abraçou a Cosmologia de cada uma dessas duas linhas de pensamento. Após sua conversão ao Cristianismo, acolheu a tese da Criação *ex nihilo*, utilizando o livro Escriturístico do Gênesis, para dar fundamento revelacional, e a Filosofia Neoplatônica Plotiniana, para dar suporte filosófico à referida tese. Não foi Agostinho o primeiro a comentar sobre a Criação *ex nihilo*, mas foi o que melhor a fundamentou filosoficamente, assim como seus desdobramentos, e fez isso ao longo de seu embate antimaniqueu, principalmente nas obras que produziu durante o retiro filosófico de Cassiaciaco. Apesar de fazer uso de vários princípios da filosofia Neoplatônica, afastou-se e os refutou-os quando esses conflitavam com a Revelação Bíblica. **Palavras-chave:** Santo Agostinho, filosofia da natureza, cosmologia.

Abstract: We know backwards that in olden times Saint Augustin was a Maniqueism partisan thus as the Neo-Platonism philosophic line and adopt the cosmology on both lines of thought consequently. After his conversion to the Christians he has heed the creation *ex nihilo* thesis making use of the Genesis Writ Book towards a revelational foundation and Plotoninean Neo-Platonism philosophy looking to a philosophic foundation on mentioned thesis. Augustin was not the first to comment about the *ex nihilo* creation even thus the best one who justified in a such manner in philosophy as it infoldness along his antimaniqueans collision in his works during the Cassian philosophic seclusion. Besides make use of several Neo-Platonism philosophy principles he away from and refuted them when there was a struggle with the Bible Revelation. **Key-words:** Saint Augustin, Philosophy of Nature, Cosmology.

1 Criação *ex nihilo*

Agostinho tratou desse tema em diversas obras, que, em comum, possuem uma apologia à fé cristã e às Escrituras, diante das críticas dos discípulos de Mani, que consideravam o relato da criação contido no livro do Gênesis, capítulos 1 a 3, uma cosmogonia como

qualquer outra das antigas cosmogonias. Para isso, o hiponense fará uma exegese ora literal, ora alegórica, objetivando tornar o Texto Sacro coerente filosoficamente.

Segundo Agostinho, Deus com o atributo da Onipotência, criou não de uma matéria pré-existente, como defendida por Aristóteles com sua doutrina da Educação³ da matéria pela ação do Movedor Imóvel⁴, nem tampouco por Emanação⁵, defendida por Plotino⁶, mas do nada. A criação do nada, no latim *ex nihilo*, não deve ser entendida como criação a partir de um nada substancial, como se o nada fosse alguma coisa⁷. Mas criação a partir do não-ser absoluto, sem precisar de matéria pré-existente. Portanto, nosso Bispo filósofo defende que Deus levou o mundo à existência, a partir do nada, nada significando, absoluta inexistência.

Sendo assim, na medida em que Deus, um ser plenamente bom, criou o mundo, o mundo é necessariamente bom, pois, se existisse alguma natureza má, macularia a bondade do Criador. Porém, apesar de naturalmente boa, a criação não partilha da mesma natureza do ser divino, por isso ela é transitória e corruptível, como revela esta importante perícopie de sua obra: “Não as gerou de si mesmo para serem o que Ele é, mas as fez do nada, para não serem iguais nem sequer a Ele pelo que foram feitas” (*De gen. contra man.*, I, 4).

Considerando o contexto apologético em que escreveu, Agostinho, com a criação *ex nihilo*, demonstra contra os Maniqueus que o mundo material deve seu princípio única e exclusivamente a Deus, e contra os Neoplatônicos que o mundo não é da mesma natureza de Deus, pois foi do não-ser absoluto que Deus fez vir-a-ser a criatura⁸. Eis o que nosso pensador diz a respeito nas **Confissões**:

O céu e a terra existem e, através de suas mudanças e variações, proclamam que foram criados [...]. E todas as coisas proclamam que não se fizeram por si

mesmas: existimos porque fomos criados; mas não existimos antes de existir, portanto não podíamos ter criado a nós mesmos [...]. O artista impõe uma forma à matéria que, já existindo, pode recebê-la: assim á a terra, a pedra, a madeira, o ouro ou qualquer outra coisa. Mas de onde proviria a matéria, se não tivesse criado? [...] Que criatura existe, se não porque tu existes? Portanto, disseste uma palavra, e as coisas foram feitas. Com tua palavra as criaste (*Conf.*, XI, 4, 6; 5, 7).

No texto acima, Agostinho afirma que a própria contingência e transitoriedade das coisas existentes é uma prova de que não procedem da mesma natureza do Ser que as criou, pois, se assim não fossem, seriam imutáveis e necessárias, assim como Deus. Quer dizer, está na própria natureza das criaturas serem contingentes, o que também prova que não podiam ter-se auto-gerado, pois, a transitoriedade das criaturas que as coloca diante de um risco constante e necessário de retornar ao não ser⁹, conduz necessariamente para explicar seu existir a um ser necessário e incontingente. Como comenta Agostinho:

Todas as naturezas corruptíveis não são naturezas se não porque procedem de Deus; mas não seriam corruptíveis se tivessem sido geradas D'ele, porque então seriam o que é Deus mesmo. Por conseguinte, qualquer que seja a sua espécie, qualquer que seja a sua ordem, elas só possuem porque foram criadas por Deus; e, se não são imutáveis, é porque foram tiradas do nada (*De nat. boni.*, 10).

Quer dizer, todas as criaturas, são mutáveis e contingentes justamente porque foram criadas do nada, não a partir da natureza de Deus, o único detentor da imutabilidade.

A consequência natural da doutrina da criação como defendida por Santo Agostinho é que Deus se torna o único Ser, e tudo o

que não é Deus são reles entes, que devem sua existência e seu ser ao Ser, pois, por Ele foram criadas. Só o Ser é, sempre foi, e nunca deixará de ser, pois é imutável, imperecível, necessário e atemporal. Toda a criação só passou a ser quando o Ser criou, e quando o Ser quiser, ela deixará de ser, pois, assim como é da essência de Deus ser necessário, é da natureza da criação ser contingente. Essa contingência necessária de tudo o que não é o Ser, empurra-os constantemente para o não-ser em um constante devir, e esse devir natural do que é contingente só não conduz tudo à não existência absoluta, porque o Ser continua como mantenedor da existência da criação. Como comenta nosso Santo Doutor na “**A Natureza do Bem**”:

Assim, magnífica e divinamente disse o nosso Deus ao seu servo: “Eu sou aquele que sou”; e “Dirás aos filhos de Israel: Aquele que É me enviou a vós”. Ele é verdadeiramente, porque é imutável. Com efeito, toda e qualquer mudança faz não ser ao que era; portanto, Ele é verdadeiramente o que é imutável, e as demais coisas, que por Ele foram feitas, d’Ele receberam o ser segundo o seu modo particular (*De nat. boni.*, 19).

2 Matéria e forma: duas primeiras etapas da criação

Na obra “**Sobre o Gênesis, contra os Maniqueus**”, Agostinho, ao fazer uma exegese alegórica do capítulo 1º, versículos 1º ao 3º do **Livro do Gênesis**, afirma que, embora a criação tenha sido *ex nihilo*, ela foi feita por etapas. Devemos, porém, considerar que, apesar das referidas etapas, a criação foi feita no mesmo momento, na medida em que o tempo só foi criado junto com ela, como veremos com mais profundidade no decorrer do trabalho.

A primeira etapa da criação é dita por Agostinho ao defender o versículo 2º do primeiro capítulo do **Livro do Gênesis**: “A terra,

porém, era sem forma e vazia (*Gn.*, 1.2a)”, dos deboches Maniqueus que diziam: “Como é que Deus fez o céu e a terra, se a terra já era vazia e vaga?” (*De gen. contra man.*, I, 3, 5). Nosso Pensador responde que esta terra vazia e vaga dita no Texto Sacro corresponde à matéria primeira criada por Deus, para que, a partir dela, pudesse dar forma ao restante da criação, como diz o próprio filósofo: “Deus criou o céu e a terra, mas a terra que Deus criou estava vazia e vaga, antes de Deus providenciar com variedade bem ordenada as formas de todas as coisas em seus lugares e fundamentos” (*De gen. contra man.*, I, 3, 5). Portanto, segundo nosso Filósofo, em uma primeira fase, Deus criou *ex nihilo* uma matéria confusa e informe e, logo em seguida, em uma segunda fase, deu forma a essa matéria, constituindo as diversas espécies de criaturas, que serão descritas nos seis dias da Criação Genesíaca.

Um pouco mais adiante em sua obra, Agostinho deixa muito claro esses dois momentos da criação ao interpretar o nono e décimo versículo do primeiro capítulo do **Gênesis**, onde, segundo nosso Filósofo, são usadas terra e águas em dois sentidos no **Livro Sagrado**. Primeiramente, em um sentido alegórico, significando a matéria informe e, no segundo sentido, de forma literal, como água e terra que nós os conhecemos:

Portanto, o que acima era denominado terra invisível e vaga, denomina-se a indeterminação e a obscuridade da matéria; e o que se chamava água, sobre a qual pairava o Espírito de Deus, também designava a mesma matéria informe. Mas agora esta água e esta terra se formam daquela matéria que era designada pelos mesmos nomes, antes de receberem estas formas que agora podemos ver (*De gen. contra man.*, I, 12, 18).

No tratado “**Sobre a Natureza do Bem**”, rebatendo a tese maniqueísta de que existe outro princípio para a matéria que não Deus, Agostinho afirma que existe uma expressão usada pelos antigos filósofos gregos que muito bem expressa o que ele pensa: o termo grego *hylê*, que significa matéria, mas não matéria que se desenvolve por si própria, sim uma matéria que tem potencialidade de receber forma por ação de outro. Em outros termos, no princípio, Deus criou uma matéria, *hylê*, totalmente informe, matéria com absoluta potencialidade, apta a receber qualquer forma de suas mãos, pois Ele, além de criador, é o supremo artífice. Eis o que escreve nosso pensador:

Mas chamo eu *hylê* certa matéria absolutamente informe e sem qualidade alguma a partir da qual se formam todas as qualidades que percebemos pelos nossos sentidos, como sustentam os antigos filósofos [...]. Tem, pois, em si essa matéria capacidade para receber determinadas formas, porque, se não fosse capaz de receber a forma que lhe imprime o artífice, por certo não se chamaria matéria (*De nat. boni.*, 18).

Esses dois momentos da criação defendidos por Agostinho, principalmente na última passagem citada, assemelham-se com a composição da substância concreta Aristotélica, que consiste no sínodo de matéria e forma¹⁰. Pois, no estagirita, tanto na Física, como na Metafísica, são encontrados ao menos dois conceitos de matéria: matéria de que algo é feito, sendo, portanto múltipla. E a matéria comum a toda substância concreta. A matéria nesse último sentido é a matéria primeva (= *hylê prôtê*) totalmente privada de determinação, como comenta José Ferrater Mora: “A matéria no sentido aristotélico não é, pois, um ser que se baste a si mesmo; é simplesmente aquilo com o qual, e do qual, é composta toda substância concreta”¹¹. É justamente

esse último sentido de matéria que Santo Agostinho utiliza em sua Cosmologia, com a diferença de que, para Aristóteles, ela é eterna e necessária, e, para nosso santo doutor, foi criada *ex nihilo* por Deus.

José Ferrater Mora comenta que Plotino também defende que a matéria é pura privação e indefinição, pura e simples potência e, justamente por isso, ela é o primeiro mal¹². Sendo assim, mesmo Agostinho partindo do mesmo conceito plotiniano de matéria, distingue-se dele ao afirmar que ela, mesmo informe, é um bem, pois, na medida em que foi Deus que a criou, ela é necessariamente boa.

Alguns anos depois, em suas **Confissões**, que foram escritas em 397, quando contava com quarenta e três anos, poucos anos após sagrar-se Bispo em Hipona¹³, Agostinho novamente reflete a respeito desses dois momentos da criação, afirmando que, embora Deus tenha criado do nada, primeiramente a matéria informe e depois dado forma a todas as criaturas como as conhecemos, essa prioridade da matéria informe sobre a formada não é temporal, pois foram feitas fora do tempo, como comenta Agostinho:

Do nada foram criadas por ti, não da tua substância; não de alguma matéria não tua que existisse antes de ti, mas de matéria concreta, criada por ti ao mesmo tempo que lhe deste uma forma sem nenhum intervalo de tempo [...]. Essa matéria foi criada no nada, e essa forma do mundo foi tirada da matéria informe, mas essas duas operações foram simultâneas, de modo que entre a forma e a matéria não houve intervalo de tempo (*Conf.*, XIII, 33, 48).

Segundo nosso Filósofo, não houve intervalo de tempo entre as duas etapas da criação, porque o tempo só foi criado com a forma, quer dizer, como ainda não existia o tempo, não se pode falar em primeiro e segundo momento cronologicamente, mas apenas

logicamente. Pois, segundo Agostinho, duas criaturas foram criadas fora do tempo, o céu (habitação de Deus e dos remidos) e a matéria informe¹⁴, e como o tempo só foi criado com a formação da matéria confusa, não há sentido em se falar em prioridade temporal entre os dois momentos, mas podemos falar de uma prioridade lógica entre os dois momentos. Ou seja, entre o primeiro e o segundo momento da criação, podemos dizer que o primeiro é logicamente anterior ao segundo, por isso podemos dizer que os momentos da Criação não invalidam o fato colocado por Agostinho de que a Criação tenha sido realizada em um só instante.

Em sua obra **“Comentário Literal ao Gênesis”**, que assim como as **“Confissões”** também é considerada como uma obra da maturidade, Santo Agostinho esclarece ainda mais essa questão, dizendo:

A matéria informe não é anterior às coisas formadas no tempo. Ambas foram criadas ao mesmo tempo: a matéria de onde tudo foi criado e também o que foi criado [...]. Mas porque aquilo do que se faz algo, com relação àquilo que se faz em seguida, embora não seja anterior no tempo, o é numa certa ordem de origem, a Escritura pôde separar por tempos de falar o que Deus não separou por tempos de fazer (*De gen. ad. litt.*, I, 15, 29).

Quando, na passagem citada, nosso Santo Filósofo escreve que a matéria informe é anterior numa certa ordem de origem, está dissertando acerca da seqüência lógica, pois, embora a matéria e a forma tenham sido criadas ao mesmo tempo, a matéria precede a forma logicamente¹⁵.

Quando o Hiponense afirma que a matéria e a forma foram criadas ao mesmo tempo, conseqüentemente diz que a matéria não

pode existir sem a forma, e neste quesito se iguala a Aristóteles, que defende que, embora a matéria seja o substrato material da substância concreta, isto é, da matéria formada, não pode existir separadamente da forma, como comenta Giovanni Reale sobre matéria e forma aristotélica: “Ela (a matéria) não subsiste por si, porque não há matéria que já não possua forma”¹⁶. Battista Mondin, comentando a *Metafísica* de Aristóteles, afirma que nem mesmo a forma existe separada da matéria: “A matéria e a forma não existem, nem podem existir, separadas uma da outra, mas somente juntas”¹⁷. Santo Agostinho apesar de não admitir nas substâncias concretas, matéria e forma separadas, como bom platônico que é, admitirá a existência da forma separada da matéria, ao menos em sentido meta-empírico em forma de projeto intelectual de Deus na pessoa do Logos.

3 Terceiro momento da criação: as “razões seminais”

Segundo Santo Agostinho, todas as coisas foram criadas no mesmo instante, pois, Deus é atemporal por natureza, não havendo sentido criar em vários momentos temporais distintos, porém é inegável o fato de aparecerem criaturas de várias ordens que são descobertas e tidas como novas espécies para os homens. Para solucionar problemas como esses, que, se deixados em aberto, poderiam tranqüilamente dar vazão a doutrinas como Geração Espontânea e Evolução Biológica, nosso Pensador desenvolve a tese das Razões Seminais.

As Razões Seminais, que, no contexto Medieval, provém do latim *rationes seminales*, mas, originalmente, vem do grego *ἐνυαῖε ὁδᾶνιάοέϊβ*¹⁸, foi amplamente desenvolvida pelos Estóicos, fundamentando um extremo determinismo¹⁹. Porém, Santo Agostinho a abraçou em uma perspectiva completamente diferente, explicando o porquê do surgimento de criaturas desconhecidas ao homem, como intencionando explicar a aparente discrepância de alguns textos bíblicos.

Na obra “**Comentário Literal ao Gênesis**”, nossa principal fonte desse assunto em Santo Agostinho, ele se depara com uma aparente contradição entre dois textos bíblicos: “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda obra que fizera” (*Gn.*, 2.2), e “Mas Jesus lhes respondeu: meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho” (*Jo.*, 5.17). Deus descansou de toda obra criacional ou continua trabalhando? Nosso Pensador afirma que, na primeira passagem bíblica, o “descansou” significa que Deus completou a obra criacional e não cria mais nenhuma espécie de criatura. Porém isso não significa que a criação adquiriu total autonomia diante de Deus, pois Ele não cessa de governá-la e é justamente dessa maneira que Ele trabalha até agora, como está escrito na segunda passagem bíblica, como diz Agostinho:

Deus descansou da criação das espécies das criaturas, porque não criou depois espécie alguma nova, mas dali em diante até agora e doravante administra as espécies que então foram instituídas. Por isso, seu poder não cessou, mesmo no sétimo dia, no governo do céu e da terra e de todas as coisas que criara, pois, do contrário, em seguida se desfariam (*De gen. ad. litt.*, IV, 12, 22).

É justamente nesta fase das obras de Deus, em que Ele governa e dá provisão para a permanência do mundo, nesta fase estão contidas as Razões Seminais. Portanto, embora Deus tenha criado todas as criaturas no hexâmero ao mesmo tempo, algumas criou completas como os anjos, a terra, o ar, o fogo, os astros, etc.²⁰, e outras incompletas, em forma de forças germinativas que brotariam e se tornariam completas no devido tempo:

Portanto, afirmou-se então que a terra produziu de modo causal as ervas e as árvores, ou seja, que recebeu a virtude de produzir. Pois nela, como que nas raízes dos tempos, por assim dizer, tinham sido feitas as coisas que existiriam durante os tempos futuros (*De gen. ad. litt.*, V, 4, 11).

Sendo assim, Deus não produz nenhuma nova criação, mas apenas administra a criação que já foi feita no hexâmero, e uma das maneiras que utiliza para administrar é através das Razões Seminais, que existem em forma de forças germinativas que brotarão no tempo segundo a vontade do Criador. Portanto, as novas coisas que surgem no seio da natureza não são novas criaturas, tampouco surgem por acaso, mas fazem parte da criação inicial de Deus e, embora brotem no decorrer do tempo, já existiam no conjunto das criaturas em potencial como Razões Seminais, que, no grego, significa sementes²¹, e como elas simbolizam pura potencialidade, Deus, no ato de sua criação, criou algumas criaturas em potência, para atualizá-las no devido tempo.

Da mesma maneira que a semente possui dentro de si potência para se tornar uma imensa árvore com raiz, caule, folhas e frutos, Deus no ato criacional, criou algumas criaturas em forma de sementes, invisíveis aos olhos, mas que, no devido tempo, tornar-se-ão criaturas completas, dando-nos a impressão de que o Cosmos está produzindo um ser de espécie diferente. Sendo assim, segundo Santo Agostinho, as Razões Seminais são criaturas de diversas espécies, criadas incompletas e ocultas aos olhos, projetadas para se desenvolverem, tornando-se completas no decorrer do tempo. Como revela esse trecho em que nosso Pensador discorre sobre as diversas formas de ser das criaturas:

As coisas existem de um modo no verbo de Deus: ainda não foram feitas, mas são eternas, e de outro modo nos elementos do mundo: todas elas foram feitas ao mesmo tempo, e são futuras [...]. De outro modo, nas sementes, originadas das coisas ou existiram segundo as causas primordiais [...]. Receberam as leis e as ações de seu tempo; e apareceram em formas e naturezas visíveis por razões ocultas e invisíveis que estão latentes nas criaturas (*De gen. ad. litt.*, VI, 10, 17).

No texto supra, Agostinho versa a respeito dos três modos de existência das criaturas: o primeiro no verbo de Deus, o segundo como criaturas completas, e o terceiro modo como em estado de latência, ocultas e invisíveis, que são as Razões Seminais.

Não temos aqui uma criação continuada²², pois a criação foi produzida em um só momento, não existindo a criação de uma nova criatura, mas a administração da única criação produzida no hexâmero. É claro que Deus tem múltiplas formas de continuamente cuidar da criação, e as Razões Seminais são apenas uma entre essas diversas maneiras que Deus utiliza para preservar suas criaturas.

Outra forma bem documentada no **“Comentário Literal ao Gênesis”** de administrar a criação, usada por Deus, são as Razões Causais, que, embora diferentes das Seminais, estão ligadas a um objetivo comum, à administração da criação. As Razões Causais expressam uma teleologia inserida ontologicamente em todas as criaturas, que faz com que cada criatura existente se desenvolva para seguir o percurso projetado por Deus, para se desenvolverem no decorrer do tempo. Portanto, a Razão Causal é a potencialidade ontologicamente inserida em cada criatura, fazendo-a se desenvolver segundo o tempo determinado, como a criança que traz em si a razão oculta de se tornar um adulto; e uma semente, que, plantada, possui a razão oculta de se tornar uma árvore, como comenta nosso Filósofo:

Pode-se perguntar com razão como foram instituídas as Razões Causais que Deus inseriu no mundo, quando no princípio criou todas as coisas ao mesmo tempo [...]. Talvez esteja nas Razões Causais do mundo que este homem envelhecerá [...]. Com efeito, diz-se que a velhice é futura no jovem, mas não é futura se morrer antes; isso assim acontecerá dependendo de outras causas, tanto das relacionadas com o mundo, como das reservadas na presciência de Deus (*De gen. ad. litt.*, VI, 14, 25; 17, 28)²³.

Sendo assim, as Razões Causais se estendem à totalidade da criação, diferentemente das Seminais, que se referem apenas a algumas criaturas. Outro trecho revelador da mesma obra, quando Agostinho comenta sobre a criação da lua, diz o seguinte:

[...] mas direi simplesmente que Deus fez perfeita a lua, seja a primeira, seja a cheia. Pois Deus é o autor e criador das naturezas. Todas as coisas de qualquer modo se desenvolvem e melhoram mediante um processo natural no decorrer dos tempos adequados, também continham antes algo oculto, se não pela forma ou massa de seu corpo, mas pela potência e razão da natureza (*De gen. ad. litt.*, II, 15, 30).

Portanto, com as Razões Seminais e as Causais, Santo Agostinho explica de maneira extremamente teísta, tanto o surgimento de novas criaturas aos olhos humanos, como a modificação evolutiva que eclode a criação no decorrer do tempo. Porém, é justamente o exaltado teísmo de nosso Pensador que impede identificar essa posição com o Evolucionismo Biológico e Cosmológico, como comentam Philotheus Boehner e Etienne Gilson:

Agostinho certamente não aprovaria a moderna Teoria da Evolução, caso a conhecesse. Se por Evolução se entende uma alteração ou transformação das

espécies, ela é simplesmente incompatível com a doutrina do nosso Doutor, que desconhece qualquer outra origem das espécies que não seja o ato criativo de Deus²⁴.

Logo, as Razões Seminais e as Causais, embora expliquem o desenvolvimento da criação, não é justo identificá-la com a Teoria da Evolução Biológica, pois a Teoria da Evolução, principalmente a difundida por Charles Darwin, defende que as espécies evoluem ou mudam progressivamente pela pressão do ambiente em que vivem, isto é, as modificações ambientais, climáticas, etc. fazem uma espécie de seleção natural das espécies, fazendo com que elas evoluam ou se extingam, como comenta o próprio Darwin:

[...] em consequência da seleção natural, acarretando divergência de caráter e a extinção das formas menos aperfeiçoadas. Assim, da guerra da natureza, da fome e da morte, forma-se diretamente o mais nobre objeto que somos capazes de conceber: a produção de animais superiores²⁵.

Portanto, segundo Darwin, as forças da natureza selecionam as espécies mais adaptadas a determinado meio ambiente, e essa adaptação é que gera a evolução das espécies mais simples às mais complexas, e a geração de novas espécies ao longo de milhões de anos, como diz Darwin: “Porém a causa principal da recusa natural em acreditar que uma espécie tenha dado origem a outras e distintas espécies é que sempre nos custa admitir grandes inovações [...]. A mente não pode apreender o sentido total do termo um milhão de anos”²⁶.

Pelo que expomos até aqui sobre as Razões Seminais e Causais de Agostinho, está claro que ele não estava elaborando um esboço da teoria da evolução²⁷, em primeiro lugar porque as Razões Seminais e Causais correspondem a maneiras de como o Criador ordena e

preserva a criação, não a um procedimento natural impresso nas leis da natureza. Em segundo lugar, não temos em Agostinho geração de novas espécies e tampouco mutação de uma espécie para uma nova espécie, pois, seria incompatível com sua herança platônica, que prevê a fixidez das espécies criadas segundo os protótipos eternos do verbo de Deus²⁸. De acordo com Santo Agostinho a única causa geradora de todas as espécies é Deus, e todas foram feitas no momento da criação, embora algumas tenham sido produzidas apenas em potência para depois serem atualizadas. É claro que tirando toda a carga Darwiniana do termo Evolução, de certa forma com as Razões Causais temos uma certa evolução na natureza, contudo conduzida por Deus, porém, nunca a geração de novas espécies.

Quando refletimos a respeito das Razões Seminais do Santo Doutor, é impossível não associá-la ao ato e potência Aristotélico que não apenas serve para explicar todo movimento de locomoção, como a geração e corrupção de todas as coisas. Na medida em que as Razões Seminais são criaturas criadas apenas em potência que se tornarão ato no transcorrer do tempo, é inegável que o Estagirita tenha sido uma possível fonte de Agostinho nesse particular. Porém, se faz necessário perceber que o ato e potência aristotélicos foram aqui utilizados de forma bastante genuína pelo Hiponense, pois, é usada para explicar o surgimento de criaturas que só passaram a existir tempos após a criação. Aristóteles desenvolve o ato e potência tentando dar uma resposta satisfatória ao problema inaugurado por Heráclito e Parmênides, quer dizer, não é do não-ser absoluto que surge um ser, é do ser em potência que surge o ser em ato²⁹. Já Santo Agostinho, com o ato e potência, afirma que a aparente autonomia do universo, em que de tempos em tempos as espécies evoluem surgindo outras espécies, não passa de aparência, pois, essas supostas novas espécies nada mais são do que criaturas que já tinham sido criadas em potência pelo Cri-

ador, que no devido tempo, também determinado por Ele, tornar-se-ão ato.

Em suma, segundo Santo Agostinho Deus criou *ex nihilo*, no mesmo instante temporal, todas as coisas, porém o fez em três etapas: matéria informe, formação da matéria e as Razões Seminais. Com os três momentos da criação, o Hiponense mostra seu elevado teísmo, na medida em que Deus não é só a fonte de toda existência, com também é o mantenedor, não abandonou a criação em um único instante, com diz Agostinho:

Por conseguinte, o autor de todas as formas – que é o doador de toda forma – também é o fundamento da possibilidade de algo ser formado. E assim, tudo o que é, enquanto é, e tudo o que não é, enquanto pode vir a ser, tem de Deus sua forma ou possibilidade de ser formado [...]. Todo o ser formado, enquanto formado, e todo o que ainda não está formado, enquanto formável, encontra seu fundamento em Deus (*De vera rel.*, 18, 36).

Sendo assim, com os três momentos da criação, aprendemos que todas as criaturas dependem completamente do Deus criador, para existirem, crescerem, reproduzirem e continuarem a existir. Portanto, a Tese da Autonomia da Criação, muito difundida na Filosofia Aristotélica e Neoplatônica, não agrada a Santo Agostinho, mesmo considerando que esta autonomia seja após a criação, como defendida pelos deístas, pois a dependência da criação para com o Criador é contínua e necessária para a permanência da existência.

Notas

- ¹ Professor de Filosofia Patrístico/Medieval da UNICAP e do INSAF – Recife, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPFAM/UNICAP/CNPq, atual Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval – SBFM, Editor da UNICAP.

- ² Graduando em Filosofia pela UNICAP; Bolsista do PBIC/UNICAP/FACEPE; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval (GEPFAM/CNPq/UNICAP).
- ³ Dar forma a uma matéria pré-existente, como uma madeira que recebe a forma de estátua (Cf. MORA, 2001, tomo II, p. 801).
- ⁴ Cf. *Metaf.*, B4, 999b1-7.
- ⁵ Na Emanação, “Deus extrai de si um ser semelhante, o que emana é da mesma natureza do princípio de onde procede, é seu efeito necessário” (MONDIN, 1997, p. 349).
- ⁶ Em Plotino, não temos uma emanção do estilo panteísta do extremo oriente, em que Deus se confunde com a natureza, mas, para o neoplatônico, embora todas as coisas emanem do *Uno*, o *Uno* permanece distinto delas: “O *Uno* é todas as coisas e não é nenhuma delas. Ele é o princípio (*arché*) de todas as coisas; e, se não é nenhuma delas, no entanto é todas as coisas de um modo transcendente, pois, de certo modo, elas estão no *Uno*” (*En.*, V, 2).
- ⁷ Sobre o nada não substancial, Agostinho comenta em “**A Natureza do Bem**”, ao explicar a expressão “nada foi feito sem Ele” do Evangelho de João: “E, assim, se disse: ‘Sem Ele não foi feito nada’, uma vez que o nada, quando se usa com verdadeira propriedade, não é alguma coisa, não importa que se diga” (*De nat. boni.*, 25).
- ⁸ Cf. MONDIN, 1997, p. 351.
- ⁹ Cf. GILSON, 2006, p. 155.
- ¹⁰ Segundo Reale, embora Aristóteles, em sua **Metafísica**, escreva sobre substância em vários sentidos, a substância sensível e concreta, isto é, todas as coisas concretas existentes são sínodo de matéria e forma (Cf. REALE, 2002, vol. II, p. 354 – 355).
- ¹¹ MORA, 2001, tomo III, p. 1894.
- ¹² Cf. *Ibid.*, p. 1894.
- ¹³ Cf. BROWN, 2005, p. 198.
- ¹⁴ “[...] Fizeste duas criaturas isentas de tempo, sem que nenhuma das duas seja eterna contigo [...]. A primeira é o céu do céu, o céu intelectual onde compreender tudo ao mesmo tempo e não em parte [...]. A segunda é a terra invisível e desorganizada, sem aquela temporalidade que costuma trazer consigo, ora uma realidade, ora outra. Porque onde não há forma, não há ora isto ora aquilo” (*Conf.*, XII, 12, 15; 13, 16).
- ¹⁵ Na mesma referida obra, Santo Agostinho afirma que só quem possui um entendimento tardo, não compreende que apesar da Escritura mencionar matéria após forma, Deus os fez em um só momento: “Contudo, se um entendimento tardo não percebe porque a Escritura separa com palavras a matéria e a forma, procure separar estas duas coisas no tempo, como se primeiro estivesse a matéria, para depois, decorrido um intervalo de tempo, fosse-lhe acrescentada a forma, embora Deus tenha criado as duas coisas ao mesmo tempo [...]” (*De gen. ad. litt.*, II, 11, 24).

- ¹⁶ REALE, 2002, vol. II, p. 356-357.
- ¹⁷ MONDIN, 1981, v. 1, p. 92.
- ¹⁸ Cf. MORA, 2001, tomo IV, p. 2466.
- ¹⁹ Segundo os Estóicos, o Logos, que é o elemento primordial que a tudo transmite vida, irradia esta força vital através de sementes denominadas por eles de *εὐαῖε ὀδῶνιὰὐόεῖβ* (Logos espermáticos = razões seminais). Tudo o que nasce e morre, o que é e o vir-a-ser, é consequência das razões seminais (Cf. MONDIN, 1981, v.1, p. 110-111). Também MORA, 2001, tomo IV, p. 2466-2467, afirma que os desdobramentos das Razões Seminais dos Estóicos explicam tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá, não havendo espaço para nenhuma forma de autonomia dos seres vivos.
- ²⁰ Cf. BOEHNER; GILSON, 2004, p. 178-179.
- ²¹ A respeito da nomenclatura Razões Seminais, comenta AZCONE, 1996, p. 49: “Chamam-se seminais porque são, em ordem à forma, o que a semente é com respeito ao ser adulto. E são razões, ou *lógoi*, enquanto princípios de ser mais de que de essências acabadas”.
- ²² MONDIN, 1997, p. 358-359; ao comentar sobre as Razões Seminais em Santo Agostinho, afirma que elas são uma espécie de ação criadora contínua. Não nos parece apropriado nomenclaturar as Razões Seminais em Agostinho de “criação contínua”, pelo fato desse termo expressar a criação como um processo sem interrupções, o que não condiz com o pensamento do Santo Doutor, que defende que a criação foi produzida em um só momento, não havendo mais criação após esse único momento, apenas administração da criação (Cf. *De gen. ad. litt.*, IV, 12, 22).
- ²³ No contexto da presente passagem, Agostinho disserta a respeito de como o homem foi criado: se segundo suas Razões Causais desenvolvendo-se no devido tempo, ou de forma completa já adulta (Cf. *De gen. ad. litt.*, VI, 14, 25).
- ²⁴ BOEHNER; GILSON, 2004, p. 179.
- ²⁵ DARWIN, *In*: CARVALHO, 1986, p. 22.
- ²⁶ *Ibid.*, p. 19. A respeito da seleção natural de Darwin, comenta REALE; ANTISERI, 1991, vol. III, p. 373: “Em suma a seleção imprime uma orientação à evolução, já que determina uma adaptação dos organismos ao seu ambiente. Em outras palavras, a evolução pode ser vista como uma série de adaptações, cada qual adquirida ou descartada por determinada espécie sob a pressão do processo de seleção, durante longo período de tempo”. O biocientista Gilberto Martho acrescenta que a teoria da seleção natural continua atual entre os hodiernos evolucionistas, através do estudo dos genes das diversas espécies: “Podemos dizer, em linguagem figurada, que a natureza foi escolhendo, isto é, selecionando os seres que tinham genes mais adaptados para a sobrevivência. Desde que surgiram os primeiros seres, portanto, a seleção natural já estava atuando” (MARTHÓ, 1992, p. 63).
- ²⁷ Essa posição não é unânime entre os comentadores de Agostinho, pois, AZCONE, 1996, p.50-51, elenca diversos comentadores que identificam as

Razões Seminais e Causais com a Teoria da Evolução.

- ²⁸ A esse respeito comenta AZCONE, 1996, p.50-51: “Parece que Agostinho não é evolucionista, no sentido de que admita a aparição de espécies inteiramente novas a partir de espécies inferiores [...]. Seu Platonismo o fazia pensar na constância das formas e essências; das que as Razões Seminais são um esboço”.
- ²⁹ Como diz Aristóteles: “O ser ou é só em ato, ou é em potência; ou é, ao mesmo tempo, em ato e em potência: e isso se verifica na substância, seja na quantidade, seja nas categorias restantes” (*Metaf.*, K9, 1065b5). Ou seja, segundo Aristóteles, só é possível existir o ser em potência, o ser em ato ou o ser em potência e em ato, não sendo possível a existência do não-ser absoluto, pois o não-ser é sempre não-ser alguma coisa de alguma coisa existente.

Referências

AGOSTINHO, Santo. Comentário Literal ao Gênesis. *In: Comentário ao Gênesis*. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-498 (Coleção Patrística, n. 21).

AGOSTINHO, Santo. Sobre o Gênesis, contra os Maniqueus. *In: Comentário ao Gênesis*. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 499-591 (Coleção Patrística, n. 21).

AGOSTINHO, Santo. **A natureza do bem**. Trad. de Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. 81 p. Edição Bilíngüe.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 5. ed. Trad. de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulinas, 1984. 418 p.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. para o Italiano de Giovanni Reale. Trad. para o Português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. vol. II, 695 p. Edição Bilíngüe.

AZCONE, José Luiz. A importância na natureza como lugar da ação de Deus. *In: Simpósio de reflexão sobre a Ecoteologia Agostiniana a partir da América Latina*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 27-81.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. 9. ed. Trad. de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2004. 582 p.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. 669 p.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimaniquéia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: Edipucrs; Recife: Unicap, 2002. 429 p.

DARWIN, Charles. A origem das espécies. *In*: CARVALHO, Eide M. Murta (Org.). **O pensamento vivo de Darwin**. São Paulo: Martin Claret, 1986. p. 13-22.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 591 p.

MARTHO, Gilberto. **A evolução dos seres vivos**. 7. ed. São Paulo: Scipione, 1992. 85 p.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus?**: elementos de teologia filosófica. Trad. de Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997. 447 p.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**: os filósofos do ocidente. 8. ed. Trad. de Bênoni Lemos. São Paulo: Paulus, 1981. v. 1, 227 p. (Coleção Filosofia).

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Trad. de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2001. tomo II, III, IV, 3132p.

PLOTINO. **Tratado das Enéadas**. Trad. de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000. 188 p.

REALE, Gilvanni. **História da filosofia antiga**. 2. ed. Trad. de Marcelo Perine; Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2002. vol. II, 503 p.

REALE, Gilvanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do Romantismo até nossos dias. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1991. vol. III, 1113 p.

Endereço para contato:

Marcos Roberto Nunes Costa

e-mail: marcosc@unicap.br

Ricardo Evangelista Brandão

e-mail : theophania@ig.com.br